

Material Velho

Recebido em 05-10-2019
Modificado em 06-01-2020
Aceito para publicação em 25-01-2020

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v7i3.33709>

Renato Pardal Capistrano 

ORCID: 0000-0003-1865-6692

Doutor em Teoria Literária (PPGCL-FL/UFRJ). E-mail: pardalcapistrano@gmail.com

A aposta

Lembro. Lembro, sim. Era ainda manhã, e foi no dia que você topou fazer o tal passeio de sábado que sai da praça das barcas e percorre o litoral. Um programa cultural, você brincou, lembra? A partida seria às dez, e eu cheguei bem antes. Previ que você se atrasaria. Nunca me agradou esperar os seus atrasos, mas naquele dia, torci pra que demorasse, ou até – não há agora razão pra esconder – que não viesse.

Lembro que, na noite anterior, você não quis dormir aqui em casa. Não foi? Me veio com aquela história de que precisava dar comida a seus filhinhos... que não vivem sem você, e todas as manhãs aguardam na cozinha pelo momento em que o ser humano deles acorda e oferece as canelas depiladas (porque você sempre depila as pernas, não é) para se esfregarem, dá de comer a ração e limpa suas vasilhas de areia. Os seus filhinhos... Sim, verdade: não supero o ciúme desses bichos. Você ri? Certo. Eles conseguiam fazer algo que eu, por mais que tentasse, não consegui. Acreditavam que você era parte de seu território. Sua particular deusa Gaia. Toda manhã esfregavam seus pescoços e dorsos nas suas canelas e deixavam, como ao pé duma árvore, o cheiro que secretavam, como que marcando a soberania de uma propriedade. E daí, lá estava você, a perfumada divindade privada, que atendia seus acólitos, seus fiéis. Que num estranho ritual de se dobrar para pegar o saco de ração na prateleira debaixo do armário, depositava, sonoramente, o maná cotidiano da vida de apartamento que

412



os gatos levam. Naquela época eu sentia ciúmes. E hoje acho que ainda sinto um pouco: menos dos gatos, mais das suas ausências.

Naquele sábado de manhã, quando eu estava andando pela Praça XV, ou melhor, acho que antes mesmo de sair tão cedo de casa, já, em algum momento comigo mesmo, pressenti que você não viria. Estávamos no começo, havíamos nos conhecido há o quê? Um mês? E aquela coisa de mandar mensagens de última hora, em geral, não dava resultado positivo. Eu lembro de ter pensado comigo: “não se deve convidar um crush pra sair por mensagens de celular”. Pelo menos não para um encontro significativo como eu queria que fosse aquele. “Convidar um crush pra sair”, hoje eu até acho engraçado dizer as coisas desse jeito, tão seguro, tão do alto da minha sensualidade que atrai crushes e os chama para sair.” Pensando de trás pra frente tudo fica fácil de julgar e condenar. Eu sou inseguro por natureza e a coisa é que eu estava – posso te confessar hoje, não posso? – eu estava criando uma puta expectativa e não queria de jeito nenhum receber uma negativa sua. Ainda mais porque estávamos no começo. Que negativa, você pergunta? Ah, qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo. Uma simples justificativa, aleatória mas ao vivo, de um *não* seu. Um não falado com a sua voz dirigida diretamente a mim. Esse era meu maior medo. A ideia de te ouvir me rejeitando, o seu timbre de desânimo arranjando a desculpa de algum dito compromisso prévio, só que inventando na hora algo absolutamente aceitável, mas francamente desfaçatado... Nossa, seria uma decepção maior que levar o bolo de um encontro que houvesse sido exaustivamente confirmado por escrito, lavrado em cartório. Por isso pensei: “se vier, é porque temos uma chance”.

“Temos uma chance”, fiquei repetindo. “Temos uma chance”. Mas também não quis apostar alto demais, e pra tentar controlar a minha idealização deixei a possibilidade pra trás, num refúgio de esquecimento, numa sursis programada, fuga do próprio motivo que me fazia estar lá na praça naquele dia, naquele horário. Taí o resultado dos meus dois anos de análise: a técnica de um controle racional da ansiedade. Esse “refúgio” foi o meu passeio, e justamente o que fez com que eu me atrasasse para te encontrar no ponto exato onde marcamos, ou melhor, onde eu te chamei para ir pela mensagem. Queria dar uma chance de pôr tudo a perder. Sei lá, um gesto tresloucado de liberdade, só pra brincar com o absurdo da minha ansiedade. Pra me testar, quem sabe.

Na real, não era para me testar. Se for pensar com precisão não foi para isso. O certo é dizer que eu fiz aquilo para *apostar* comigo. Desligar o celular foi na verdade isso: uma aposta. Sem confirmação, sem contato, eu queria me perder e saber que mesmo eu, inseguro, mal comunicável, tímido, atrasado, mesmo eu, poderia subitamente me deparar com você, ali,

olhando ao longe, à minha espera, e, nesse feliz relance, surpreender o prenúncio de um triunfo: o prêmio da aposta, a certeza de que você me queria. É, eu sei... você não consegue entender como eu posso me dispor a fazer essas coisas.

E foi isso mesmo. Propositalmente – e não sem querer, como depois eu havia dito, me escusando pela pouca carga da bateria –, propositalmente, eu desliguei meu telefone e parti pra uma caminhada pelas galerias de barracas dos vendedores de bugigangas e velharias do mercado de pulgas, que ficava debaixo do viaduto da Perimetral, que hoje em dia, aliás, nem mais existe. Modernização! Veja só... Os administradores enchem as bocas pra colocar essa auréola por cima dos seus feitos e programas. Modernização – saída da boca desses marqueteiros – é gourmetização da esperança política. Nós, que nada sabemos de modernidade, ficamos excitados quando qualquer anúncio de sofisticação ajuda a mentir pra nós mesmos uma saída dessa precariedade de espírito que é o nosso isolamento cultural, excitados com qualquer coisa que disfarce pra fora do nosso colonialismo escondido por baixo do pano da história graças a sabe-se lá que bravata de independência que, curiosamente, teve seu Paço Imperial também ali naquela mesma praça, que hoje, por uma tosca ironia do destino, leva de nome a data do golpe militar, que, em nova farsa, iniciou nossa república. O morro do Castelo... que seria marco histórico, pulverizado. Enfim, estou escapando totalmente do assunto, chega de crítica burguesa...

Naquela época, aos sábados, até antes do meio dia, a Praça XV tinha essa maravilha de feira de velharias. Fico saudosos não exatamente da feira, mas da presença dela. Nunca fui frequentador. E nem sei se existem pessoas que frequentavam, tipo, indo lá todos os sábados assiduamente, saca? Era mais, acredito, um programa que se fazia esporadicamente. Mas mesmo assim, sempre tinha muito público, o que é impressionante. Se alguém for pesquisar a fundo, ok, pode até descobrir que não era lá uma grande maravilha como o meu saudosismo e o afeto que imprimo podem fazer parecer. Mas a questão não é chegar ao fundo do como realmente ela era, mas sim o que ela fazia. O tipo de grande arquivo a céu aberto que ela punha vigência. Como se as gerações presentes regretassem o passado e quisessem reaver alguma coisa dele. Assim como quem não sabe o que quer exatamente, mas que sabe que quer porque sente o vazio. É um vazio informe, um vazio incógnito. As feiras de antiguidades são muito proveitosas para preencher esse sentimento, essa angústia suave. Mas hoje a feira não existe mais e o vazio com que ela dialogava, e que talvez fornecesse a razão do seu ser, acabou por engolir a coisa toda. Estou te confundindo?

Bom... como estava dizendo, saí eu naquele sábado, no meio da minha aposta, a passear pela antiga feira de antiguidades da Praça XV. Indo de início pela parte mais próxima

à bilheteria da estação, comecei passeio lento, sem olhar os vendedores, apenas caminhando com os olhos, cabeça em devanear sobre a aposta que fazia comigo mesmo, sobre como controlar a ansiedade de ter ou perder você, e do quanto eu precisava saber uma decisão sobre o dilema que escapava à minha vontade e dizia respeito à sua.

Em pouco tempo já estava distante, inserido no meio do labirinto de quinquilharias e barracas. Que coisa... agora que me recordo, sinto que realmente eram meus olhos que caminhavam, como se cada lance de vista fizesse um passo, num itinerário visual em que tudo da minha deambulação fosse movido pelo olhar, como se cada olho se alongasse invisível, para fora da cabeça, e inventasse com sua carne vítrea uma perna própria, brotada de cada íris. Quase como uma espécie de caramujo. Mas os caramujos têm olhos lançados pra fora da cabeça, por tentáculos. E no meu caso era mesmo como se meus olhos se fizessem, eles, minhas novas pernas. Então era uma outra coisa. Até hoje você não leu aquele livro do Francis Ponge que eu te dei, não foi? O que te dei logo quando resolveu entrar pra Aliança Francesa. Eu sei, “não adianta dar um livro e achar que alguém vai ler por isso”. Você tem razão. Eu fazia pressões demais sobre você. Isso foi uma das razões pra chegarmos aonde chegamos. *Mea culpa*, de boas... Mas naquele livro tinha esse trecho que eu nunca me esqueço: “Os caracóis gostam da terra úmida. Go on, avançam colados a ela com todo corpo. Carregam-na, comem-na, excrementam-na. Ela os atravessa, eles a atravessam. É uma interpenetração do melhor bom gosto porque por assim dizer tom sobre tom, com um elemento passivo, um elemento ativo, o passivo a um só tempo banhando e nutrindo o ativo.” Bom, acho que eu estava muito perto disso, dessa troca ativo/passivo, naquele dia no mercado de pulgas.

Coisa estranha, você me diz... É, eu me transformo muito ao longo do dia. Sei, parece loucura. Mas essas mutações não são regidas por nenhum tipo de deslize com rumo. Como se eu saísse da forma de gente para a forma acabada e clássica de uma cabra. E dessa forma de cabra, passasse à forma de um cavaleiro. E da forma de um cavaleiro, para a forma de uma vassoura... e por aí em diante. Se eu te dissesse tudo o que acontece com meu corpo, tudo que acontece, mas que os outros não vêem. Você espantava. Há dias que minha boca se transforma num tipo muito raro de mistura entre uma mariposa e um peixe voador. Juro! É uma danação. Porque esse ser se torna algo autônomo, dotado de espontaneidade que permite desatar a raiz da língua, romper a coesão óssea dos maxilares, rasgar tessituras da carne e da pele e, finalmente, ir-se livre, em vôo conflituoso, rumo ao oceano mais próximo, mas também atraído numa loucura infantil pelo brilho do sol. Você imagina o que é ter um bicho desses como inquilino das suas carnes?

Ah, não me faça rir! Como eu posso ter juízo? Como uma pessoa, uma pessoa como eu, pode dizer coisas assim num tom de voz sério? As pessoas que trabalham no setor jurídico, como nós, devem manter sempre a forma humana? Sei...

Olha, ninguém pode ter certeza, mas quem sabe um dia você não verá que os gatos voltarão a ser uma parte de suas pernas, justamente descobrirá que os gatos são feitos dos pelos que por toda vida você depilou das pernas e jogou fora pelo ralo do banheiro, mas que em algum lugar do mundo interior dos canos de chumbo pelos quais passaram as águas dos seus banhos e depilações, por algum lugar desse organismo de água e veias metálicas que é o esgotar do tempo dos seus banhos, lá se formaram três gatinhos, três felinos que retornaram, na esperança de reivindicar a matriz que lhes deu a vida primeira, antes do exílio na solidão noturna e fria dos encanamentos de sua concepção. E então, quem sabe, nesse dia de estranha reconciliação, o meu ciúme deles até se acabe. Coisa que acho durasse pouco tempo, já que em seguida também você voltaria a ser um pedaço perdido meu, e eu um teu, e se reaglutinaria a mim pela cicatriz do umbigo e então logo em seguida nós mesmos, que então não seremos mais nenhum de nós como agora apenas somos, e nem sequer uma simples equação de adição, mas sim, seremos, em contiguidade sem cesura, um bando de gatos, e mariposas, e peixes voadores, e pernas feitas da carne vítrea dos olhos, e sonhos, quem sabe nessa mesma hora, para surpresa de toda a Escola da Magistratura, voltemos a ser uma parte sem separação da Terra, de onde nunca deveríamos ter saído.

Enfim, ok, de volta à Praça XV.

Caminhei por bastante tempo, tanto que, quando me dei conta, já havia passado das dez horas e voltei, passo apressado, esbarrando nas pessoas, em direção à bilheteria da estação, pra ir aonde havia te convidado. É óbvio que foi uma alegria enorme te ver ali, mesmo com a tua cara de respeito ferido. No final daquele meu passeio, me lembro bem, quando cheguei cinquenta minutos após o horário marcado contigo, e por conta disso perdemos a partida da última barca turística, me apresentei de volta à bilheteria e lá estava você. Sinceramente, pensei que não estaria, e quando voltei já o fazia por descargo de consciência, sem planejar te ver mais naquele sábado, nem tão cedo. Que surpresa foi te ver. Fazia uma cara feia, de um profundo e trabalhado senso de indignação. Mas tinha me esperado. E, portanto, estava uma lindeza com aquela cara feia tua.

Era eu quem chegava atrasado ao compromisso a que eu próprio te convidara, mas a impressão que tive foi de que era na verdade você quem chegava, quem finalmente chegava, na hora exata, como a pessoa que entra por uma porta a que eu olhava, atento por semanas, mas que não recebia a passagem de ninguém. Um endereço de mim, mas sem remetente que

me viesse alcançar. Ao te ver, não sei, a vontade que tive foi um desespero morno, desejo de tirar os teus sapatos, levantar as tuas calças até o joelho e esfregar, suave e com toda força possível, o meu rosto e o meu pescoço pelos teus tornozelos e pelas tuas canelas, roçar a minha barba, que eu propositalmente não havia feito àquela manhã, na pele sensível e depilada do peito dos teus pés e canelas, roçar como quem usa uma lixa para acabar alguma madeira, e em seguida te deixar com a pele avermelhada, marcada como minha. Mas em vez de te lacerar as canelas com minhas unhas, e ronronar pela ração e esfregar minhas ancas pelos teus móveis, pedi desculpas cortesmente, expliquei o tempo que me deteve em devaneios passeando pelo mercado de pulgas e gentilmente propus que almoçássemos no Albatroz.

Velharias

Sim, mas o que se passou no meu passeio? Vou contar, vou contar.

Antes de chegar até você, caminhando por entre aquelas coisas, à deriva em seu labirinto, com tantos minotauros transformados em vendedores, me lembrei de um personagem do meu tempo de moleque: o Homem do Material Velho. Sabe quem é esse cara? Tínhamos uma lenda sobre esse sujeito lá no bairro onde morávamos eu e meus amigos de pelada. Era o seguinte, ele passava às vezes num carro, não lembro o modelo, mas devia de ser uma Kombi branca velha ou uma dessas bestas coreanas adaptadas com caçambas de carga na traseira, sabe? Então, era uma espécie de coletor, ou melhor, um comerciante de sucata. Havia um autofalante improvisadamente preso ao teto de onde saía sua voz, cujo timbre chamava mais atenção que os reclames de comprador, sempre repetitivos e óbvios no que anunciavam.

Nunca pensei nisso, mas... como deveria ser a sua voz real, a voz real do Homem do Material Velho? A voz que estava anterior aos efeitos reverberatórios e metalizadores da aparelhagem de som?

Nós sempre nos apegamos à sua imagem pelo som da sua voz: metálica, enferrujada.

– É o comprador de material vééélho. Ventilador vééélho, máquina de lavar vééélha, videocassete vééélho... fogão vééélho, sapato vééélho, roupa vééélha, colchão vééélho... éééé o comprador do material vééélho... papelão vééélho, livro vééélho, jogo de talher vééélho...

A rima de tudo sempre na vogal “e” aberta... dita sempre alongada e arranhada: gonzo que abrisse porteira de antiga e arruinada fazenda.

O carro passava devagar, pelas ruas menos movimentadas do bairro, geralmente à tarde, num horário em que os relógios não têm nenhuma agressividade. Tempo quando as pessoas descansam no lento suicídio de assistir à resenha do esporte e depois aos filmes e às novelas repetidos da televisão, dormindo a sesta do almoço num sonho com algum resultado de aposta. (É, peguei pesado no pessimismo). Os porteiros dos prédios também tinham pouco o que fazer, pelo menos era o que eu na ingenuidade daquela época acreditava. Saíam de suas cadeiras de almofadas surradas, rasgadas, e se juntavam nos portões dos prédios contíguos. Conversavam sobre suas coisas do Norte, a parentada deixada lá, os seus causos cheios de gestos, risos, desafios. Música na voz. E no meio dessas tardes, rompia, lentamente, quase numa banguela, aquele carro, um carro velho, dirigido por um comprador de material velho.

Me lembro duma ocasião quando ele apareceu. Estávamos sentados no meio-fio, tínhamos acabado de jogar uma partida de futebol, na rua de cima, contra os garotos do condomínio, e secávamos nosso suor. Éramos eu, Marquinho, Eustáquio e Osmar. Tomávamos picolé, ou refrigerantes, qualquer coisa que refrescasse, e contávamos, com nossas narrativas épicas, as cenas da partida, fazendo o inventário de nossas glórias de craques do futebol de rua.

Um prazer incrível aquele de ser moleque de rua, vencer um jogo de futebol, sentar no meio-fio e deixar secar o corpo como se toda aquela sujeira, toda aquela mácula imprimisse em nós, dentro fundo, alguma coisa, carimbasse nos nossos rostos, em nossa alma de criança, alguma verdade que não podíamos dizer com palavras exatas, corretas. E o horário de verão ajudava em nossa suposição de que o mundo se estendia numa regência de ilimitada permissividade pelos paralelepípedos das ruas de nosso bairro da Zona Norte. A noite que chegava atrasada, com cheiro bem suburbano de lixo e folhas de quintal queimando ao longe, como se estivesse ocupada em algum afazer que lhe tomasse o tempo de seu expediente, e que de repente nos surpreendia com o poente que às vezes chegava só às oito e meia. Nossos pais, por alguma magia de despreocupação que os acometia nas férias, não ordenavam nossa volta pra dentro. A liberdade era vadiar pela rua, vadiar com as outras crianças e correr em bando num nomadismo peralta. Ir de portão em portão em busca de mais companheiros, ou de apenas uma simples ocasião de reunião para conversar com os adolescentes mais velhos que já sabiam mais coisas da vida adulta e, como heróis ou bandoleiros, nos contavam suas odisseias. Essa liberdade, que na verdade não é uma liberdade, mas sim um fascínio, uma transcendência, eu acho que nunca mais na vida conhecerei, e talvez só me reste mesmo guardar dela uma fantasia prazerosa de memória.

Nessa vez, eu e Marquinho ficamos de zoação com Eustáquio e Osmar, dizendo que graças aos nomes que tinham, nomes de gente velha, o comprador nos daria um bom preço se os vendêssemos. E daí arranjávamos pelo menos mais um picolé pra cada um. Osmar não deu bola. Mas o Eustáquio, que pelo que nos pareceu não gostava do próprio nome, porque realmente achava que era coisa de velho, ficou mexido.

– Ele só compra coisa, seus idiotas, ninguém compra pessoa, ninguém pode ser dono do nome de uma pessoa assim, comprando.

E a voz metálica voltava com a lista de demandas: telefone vééélho, álbum de fotografia vééélho, ventilador de teto vééélho, brinquedo vééélho, ao que nós aproveitávamos a pilha do Eustáquio pra completar:

– Criança com nome de vééélho!!! – e ríamos com a cara de puto da vida que ele fazia, odiando nossa sacanagem.

Foi um pouco dessa implicância com o nome dele, quer dizer, com o deslize do escopo de interesse comercial do Homem do Material Velho para outras coisas que não fossem sucata, que surgiu a nossa lenda. Quem inventou tudo foi o Marquinho, de um jeito conciliador pra acalmar o Eustáquio, que já ia ficando melindrado de um jeito sério com a gente.

O que o Marquinho disse foi que o Homem do Material Velho comprava, sim, outras coisas além de material velho. Que uma vez a irmã dele, a Clarinha, tinha juntado um monte de coisas numa caixa de sapato e as levava até o carro dele e que ele aceitou tudo e comprou. Como se arrematasse um lote de preciosidades. Que coisas eram? Um monte de presentes que o ex-namorado tinha dado. Marquinho, que tinha visto quando ela, chorando, juntou as coisas, contou que havia de tudo: um par de brincos guardado numa caixinha forrada de veludo vermelho, um bolo, assim, de fotografias, um bichinho de pelúcia, uma agenda de um ano atrás, dois livros que não sabia os títulos, uns cinco cd's (Marquinho sabia que pelo menos um era do Bon Jovi), um relógio de pulso com pulseira de plástico branca, vários cartões coloridos com frases escritas dentro e muitos, mas muitos daqueles brinquedinhos de interior de ovo de chocolate. Tudo coisas que o namorado lhe dava de mimo. A irmã do Marquinho juntou tudo, levou pro Homem do Material Velho e disse pra ele: “Quero me esquecer de tudo isso, você pode levar de graça”. Mas o Homem do Material Velho respondeu que não era gari, mas, sim, comerciante, e que comprava aquilo de bom grado.

– O Homem do Material Velho comprou a mágoa da minha irmã – disse Marquinho.

Essa possibilidade nos deixou tão perplexos que esquecemos na hora a besteirada de ficar implicando de maldade com o Eustáquio e paramos um bom tempo pensando sobre aquilo. Sobre o comércio do *imaterial* velho.

E foi daí que surgiu a nossa lenda. Entre nós, e somente entre nós, inventamos que éramos os únicos a saber que por trás do disfarce de comprador de material velho, aquele sujeito era na verdade um comprador de lembranças velhas, um comprador de hábitos velhos, de partes velhas das almas das pessoas.

Viajava pelos bairros residenciais da cidade, durante as tardes, anunciando pelo alto-falante do carro seu interesse pelos obsoletos, pelas tralhas. E só nós sabíamos, ou melhor, só nós não fingíamos que não sabíamos que aquilo não passava de um mero embuste, porque no fundo o que ele queria – e isso nos deixou um tanto fascinados por nossa lenda – o que ele de fato conseguia, era levar consigo partes da história pessoal de cada um dos vendedores.

Pagava algum dinheiro e com sucesso recolhia para sua propriedade os suportes de memórias preteridas pelos outros. Vivia desse estranho comércio, em negociar as vivências descartadas por gente que lucrava alguns trocados em se desfazer das descamações da própria alma, como uma limpeza, como uma caspa de que se livravam.

Claro que é compreensível: com o tempo as coisas acabam quebrando, enferrujando, precisam ser trocadas por material novo e não é todo mundo que tem um porão para guardar as quinquilharias mais queridas. Não é todo mundo que tem o seu museu particular onde encerrar, para futuros resgates, as coisas que o tempo desgasta. Então nessa proporção, entre a utilidade prática e a utilidade afetiva, acontece com o tempo uma espécie de desvalia que faz as pessoas deixarem de lado algum pedaço de si mesmas que – elas sabem, mas se forçam a ignorar na hora da venda ou do despejo – está ali, fixamente incrustado, no material velho.

Não deixa de ser um tipo de morte e foi por isso que na nossa lenda, o Homem do Material Velho passou a ser, pra nós quatro, uma espécie de coveiro. Hoje, acho a lenda mais interessante pelo fato do Homem do Material Velho fazer questão de oferecer dinheiro em troca. Tudo fica muito mais trágico assim, porque o dinheiro, o pagamento, é uma prova que confirma o desejo de esquecimento. Essa operação de câmbio é a evidência que resgata o recalque, que impossibilita na verdade o seu ingênuo apagamento da memória. Houve uma compensação, uma compensação que veio na forma de uma providência monetária, um dinheiro que se equivaleu ao valor do esquecimento e que por isso valorizou o desvaloramento que o tempo, a fraqueza, a tristeza ou seja lá o que for que houve operou na vida das pessoas que muito ocidentalmente se desfizeram de algum pedaço de suas histórias, ou ao menos assim pensavam poder fazer, pelo comércio com o esquecimento.

Andando pelo mercado de pulgas do viaduto da Perimetral, que não existe mais, como eu já disse, não pude deixar de imaginar, caminhando em meio a tanta tralha que em algum momento já necessariamente pertenceu a tantas e desconhecidas pessoas, por onde estaria o Homem do Material Velho.

Acho que comecei a render uma homenagem àquela nossa lenda de criança. Nosso comprador de material velho, que passava de carro pelas ruas da minha meninice, será que ele poderia estar por ali, em meio à coletividade de outros negociantes, seus pares naquela atividade econômica de lidar com a degeneração de tantos desvalorizados e obsoletos patrimônios afetivos?

Eu percorria os mostruários das barracas de roupas usadas, pratarias encardidas, brinquedos de outras épocas, caixas, quadros, e até mobília e toda sorte de objetos relegados e transformados em valores diminutos de mercado. Ia me questionando a que parte da vida de seus proprietários originais teriam pertencido. A que paixões, desilusões, rotinas e esperanças teriam servido de suporte?

Na feira da praça XV tinha de tudo: álbum de figurinhas da Copa da Itália de 1990, quase completo como anunciava o vendedor, faltando apenas o goleiro da equipe dos Emirados Árabes Unidos, mas em que, como relíquia de um mundo geopoliticamente extinto, constava em totalidade as seleções da URSS, da Tchecoslováquia e da Iugoslávia; escova de penteadeira de prata, que agora figurava como um espólio de avó, mas que certamente, em seu tempo de uso, deve ter compactuado em cumplicidade com a vaidade de alguma adolescente; pequeno e portátil livro de orações, que de tão manchado nas orelhas muito deve ter recebido o desespero e a culpa de algum pecador arrependido; Atari com cartuchos de, entre outros, Seaquest, Enduro, H.E.R.O., Pitfall e Atlantis, joguinhos que a mim mesmo na fase pré-escolar tantas alegrias renderam...

Enquanto passava os olhos pelas coisas expostas, eu verificava o curioso hibridismo entre as funções de curador, coveiro e microempresário que compunha as atribuições dos responsáveis por cada lote de bugigangas, e achava muito pesados os seus fardos.

O que era afinal de contas, o antiquário a céu aberto da Praça XV? Uma feira? Um museu? Talvez um cemitério, uma grande cova do passado da cidade do Rio de Janeiro, ou talvez uma cova do mundo, onde cada barraca, cada tabuleiro, era uma espécie de jazigo à mostra, sem lápide, sem epitáfio, tragicamente anônimo, aberto ao comércio de um turismo funerário envernizado com as tintas da moda vintage.

Eu fico pensando... nós que somos da área jurídica, eu e você, essa experiência da vigência é muito quantitativa pra nós. Uma lei entra em vigor no momento de seu decreto.

Pode ser que substitua outra lei, mas não substitui os atos cometidos ou fatos iniciados no período anterior, que eram regidos pela velha lei. Veja só, por exemplo, a quantidade de pensões que sobrevivem a seus pensionistas originários e alcançam herdeiros... Mas mesmo isso um dia acaba. Um dia chega quando não há mais ninguém, quando não há mais fato ou ato ou beneficiário. Quando tudo o que sobra é a letra escrita e deixada de lado, revogada, por uma nova. E então, quando isso acontece, o que houve? Para onde vai o espírito da lei antiga? Onde repousa aquela justiça, aquela equação do que era o correto, o moral, num mundo de outrora?

Quantitativamente, para nós a resposta é óbvia: vai para prateleiras de algum depósito ficar arquivada. No tesouro das constituições daquilo que foi e não é mais. As datas regem com suas precisões de gume esses começos e fins meramente processuais. Mas existe mais do que isso, não? Mude por um instante desse exemplo jurídico e pense num exemplo... não sei... digamos, político. Pense nas promessas de futuro que um programa político pode ter criado. E anos depois, o que sobrou? As tantas bandeiras que já não mobilizam mais corações e mentes como antes. São peças do relicário de um futuro que poderia ter sido e que não foi. Fala-se de lata de lixo da história, mas isso é bobagem, coisa de gente que nunca deu atenção nenhuma à história. Porque a história não é uma prateleira de arquivo, é outra coisa, é alguma coisa que fica viva a céu aberto, que não some, e que cobra seu preço. Por mais que se afaste na aparente prescrição de seu tempo de vigor, sempre cobra seu preço. O passado nunca passa. No máximo, ele sai pra passear.

Estou me tornando enfadonho? É... é bem provável, pois é. Bom, mas o que eu queria mesmo te contar talvez tenha a ver com isso que estou falando. Já não sei direito.

O chamado

Naquele dia, antes de voltar pra te encontrar, eu fiquei andando e pensando em todas essas coisas e me lembrando do Homem do Material Velho, quando para minha surpresa, ou melhor, para o meu espanto e quase terror, ouvi uma voz me chamar.

Uma voz familiar, mas alterada em seu timbre, modificada pela tonalidade dos anos que passaram. E que provavelmente cobraram seu preço. Uma voz esgarçada agora numa espécie de rouquidão sinistra que lhe imprimia uma melancolia óbvia, que me atingiu como um punhal traiçoeiro. Que me penetrou, não sei, a carne da minha cintura e cutucou-me um rim. Uma dor pontuda e rápida. Paralisante como um terror.

Olhei pra trás. Mas confesso, que só pela voz, só pelo chamado, já sabia quem era. Não usou meu nome. Poderia. Sabia meu nome. Mas não o usou. Chamou-me pelo apelido que só alguém que me conhecesse desde os tempos de criança poderia me chamar. Aliás, só alguém que fosse do meu círculo mais próximo. Você não sabe, porque não passou a infância comigo e eu acho que nunca contei sobre isso para você, porque há coisas da minha infância que eu prefiro esquecer. Por um tempo meus amigos me chamavam de “Pajem”. Um vocativo que eu odiava com todas as forças.

Um dos privilégios da amizade é o conhecimento das fraquezas dos amigos. E uma das prerrogativas de se conhecer os defeitos de alguém é ganhar capacidade de lhe colocar um apelido. Há muitas propriedades que devem ser levadas em conta nesse processo. Não tenho modéstia quando assumo que sou um bom criador de apelidos. O bom apelido não é aquele que simplesmente fere. Veja bem: chamar um amigo obeso de “Bola” não tem sentido, a não ser que, para além da ridícula metáfora do volume, haja verdade compartilhada entre a pessoa e o nome. Apelidar não é xingar, não é *bullying*. Menos ainda optar pelo mau gosto gratuito. A generosidade da amizade está justamente em transformar em qualidade aquilo que age como defeito: eis um bom preceito para se criar um apelido. Dentro de todo apelido esconde-se uma epifania. E só verdadeiros amigos trocam esse tipo de coisa. No meu caso, com essa palavra que odeio, Pajem, não foi assim.

A história exata desse apelido eu prefiro não contar. Me causaria muita dor ir a fundo nisso agora. Basta dizer que tem a ver com meu pai. Com a relação abusiva que meu pai teve comigo. E que por razões que iam para qualquer direção muito diferente da generosidade, Eustáquio havia me dado.

Pois é. Virei-me e lá estava ele: Eustáquio! Sentado no chão atrás de um lençol que se estendia no cimento da calçada e sobre o qual pousavam não sei que porcarias. Lá estava Eustáquio, o meu antigo colega de infância. O mesmo Eustáquio que jogara partidas de futebol de rua comigo e com o Marquinho e com o Osmar e outros garotos da vizinhança. O Eustáquio que não gostava que ninguém zoasse com ele, mas que, pelo que eu bem me lembro, gostava de zoar os outros, e que me rendeu uma das coisas que, feitas por amigos, mais me doeram, dar-me o apelido pelo qual agora, sei lá quantos anos depois de que eu e minha mãe havíamos nos mudado do Rio e o ido morar em Curitiba, e eu já estando de volta ao Rio, ele me chamava novamente.

– Pajem! – repetiu, com a mesma voz de antes.

Eu agora o olhava de frente. Estava sem camisa, magro e mal envelhecido. Era um miserável. Ficava no último rincão da feira. Junto com outros miseráveis que recolhiam os

objetos mais desprezíveis e os deixavam sobre lençóis imundos oferecendo-os à venda a algum passante que, por razão que realmente não posso entender, quisesse comprar lixo e não antiguidades. Percebi uns carregadores de celular em extremas más condições, fitas cassete com etiquetas rabiscadas, bonecas quebradas, tênis surradíssimos... coisas que só um relance de olhar já me bastou para sentir repugnância.

– Porra, Pajem! É tu mesmo, caralho! Tu virou granfa, safado!

A ousadia daquela investida mexeu comigo. O que se passava? Como era possível que tantos anos depois (o que seria? vinte e cinco anos já?) um de meus conhecidos de infância, por maior que houvesse sido nosso afastamento, terminasse praticamente como um mendigo? Estava visivelmente sujo. Mas sujo como só as pessoas que moram por muito tempo nas ruas e se encontram tolhidas do trato social conseguem ficar. Crostas de cutão se formavam em suas canelas e a longas unhas dos dedos contrastavam uma coloração amarelada com a pátina de sabe-se lá que camadas de lama e detritos que se grudavam como placas em seus pés.

Continuei perplexo com sua figura, transformado em algo que eu mesmo não entendia o que era. Certamente equipará-lo a um Homem do Material Velho seria uma acintosa depreciação. Não com ele, mas com o sujeito da nossa lenda. E mesmo com a nossa cumplicidade de crianças que criou a nossa lenda. Ali, largado, visivelmente embriagado, descalço e com os pés imundos, vestindo apenas uma bermuda também imunda, ele era uma espécie de mendigo, que travestia seu pedido de esmola numa forma de comércio. Mas um comércio muito diferente daquele que povoou nossa imaginação a respeito do Homem do Material Velho. Era, como já disse, um miserável.

Permaneci em silêncio. Mas ele não se importou. Acho que não julgou que eu o julgava, ou simplesmente não se importou em ser julgado. Provavelmente, suponho agora, na condição de vida em que estava metido, esse tipo de preocupação precisava ser reprimido, ou todo o senso de vergonha o poria em colapso. Mas quem sou eu para julgar aquela situação? Acho que foi Nietzsche que uma vez disse que “quando alguém se torna mestre numa coisa, em geral continua a ser um perfeito inepto na maioria das outras”, e concluiu arrematando que os mestres em geral pensam exatamente o contrário, que pelo fato de serem mestres em uma única coisa que dominam, tornam-se automaticamente mestres em tudo. Não é porque sou juiz de direito que creio que tenho o poder de julgar qualquer um, e muito menos o poder de entender a situação implícita e misteriosa dos destinos. Pelo contrário, quanto mais penso nisso, mais me abismo. A voz melancólica e decadente de Eustáquio investiu mais uma vez a mim.

– Vai levar alguma coisa hoje, meu querido? – E meio que se arrastando sentado por sobre o lençol de exibição de seu mostruário de troços, elegeu um objeto, e então num novo tom, de empolgação, continuou:

– Porra, olha aqui, olha aqui! Esse é especial pra você. Olha que beleza!

E me estendeu uma lata de alumínio, dessas de aveia em flocos, ao redor da qual se enrolava uma linha de nylon e ao final dessa linha amarrava-se uma pequena pedra, mais ou menos do tamanho de um polegar, e um anzol.

– Já peguei muita cocoroca com isso aqui! Leva, te faço por um precinho camarada pelos bons tempos, hein?

Você deve estar achando essa história meio absurda, não é? Imagine o que eu estava achando. Tinha diante de mim uma esfinge. Não sei o que era o certo para fazer ali. Dizem que Édipo só acertou a resposta que deu ao monstro de Tebas porque deu sorte. Em pânico diante da boca da fera, ele gaguejou algo que, num lance de dados de sorte cósmica, serviu como resposta. Porque a pergunta da esfinge, originalmente dita no idioma grego arcaico, era um tipo de trava-língua, e Édipo a devolveu numa fala adequada ao trava-língua, que era uma espécie de balbúcio gago, por acaso respondendo: “eu, o homem Édipo”. Veja isso: por um acaso de fonemas a esfinge foi vencida! Engraçado? Você gargalha? Não sei... acho muito trágico e ardiloso com os destinos, tanto do cara quanto do monstro. E o pior é que de qualquer forma, na real, o enigma não foi fechado, mesmo com o cadáver do bicho horrendo o enigma ficava ainda por ser morto. Édipo não tinha sapiência de nada, era apenas um basbaque que disse qualquer coisa num momento de aperto, que se borrou mas que deu sorte, deu uma puta duma sorte. Só que a sua resposta matadora não foi dita com consciência. E no fim, ele mesmo nem sabia direito o que havia acontecido. Ele, herói que matara o próprio pai também sem sequer saber.

O que eu fiz diante de Eustáquio foi simplesmente me afastar, em silêncio. Primeiro andando um pouco de lado, lentamente. E depois voltando-lhe as costas, decididamente. E por fim apertando o passo, saindo de lá numa velocidade que me fez perder um tanto os sentidos. Por isso não sei se ouvi ou se não ouvi qualquer outra palavra vindo me apunhalar novamente em áreas vitais de minhas vulnerabilidades. Nesse momento tudo ficou um *blur*, um *maëlstrom* confuso. O que me recordo é uma espécie de queda. De turbilhão em fuga por entre mendigos e barracas e turistas e geladeiras quebradas, e bancas de livros usados, e máquinas de fotografia antiquíssimas, pedaços de pau, mobílias, aparatos militares de guerras esquecidas, cujos combatentes nunca sobreviveram para usufruir do lucro dos espólios ou excedentes, vagalhões de chinelos, cintos, maquiagem feminina em embalagens descascadas,

pedaços de frutas pelo chão, álbuns de retratos, garrafas, grandes sacolas, barracas, barracas, e mais barracas com toldos coloridos, imensas sacolas estofadas até abarrotar com latas de alumínio, tristezas, tristezas, tristezas...

Nessa fuga, eu só conseguia pensar em meu pai. No ódio, no mal que aquele homem havia causado a mim e a minha mãe. Na força brutal com que tivemos que nos separar dele, para sempre e nunca mais olhar pra trás. Tudo isso parecia que me engolia à medida que eu me afastava do local onde reencontrei Eustáquio. Quando parei, estava já afastado da feira. Afastado da perimetral. Caminhei à deriva ou corri mais ainda? Não sei, foi tudo rápido e confuso. E sei que estava longe da confusão de pessoas e coisas. Longe do viaduto, e já perto da beira da praça onde um pequeno píer avança tímidos metros sobre o mar. Ali me dei conta de que carregava comigo a lata de alumínio com linha e anzol enrolados que Eustáquio havia me oferecido. Não entendi. Eu não me lembrava de tê-la tomado dele, não me lembrava de tê-la comprado dele, não me lembrava de nada a não ser de ficar em silêncio observando e ao mesmo tempo com o juízo interrompido sobre sua figura caquética, como se talvez eu houvesse balbuciado algo que ninguém ouviu.

O que eu fiz com a lata? Se eu me lembro? Sim, não tive dúvida na hora, e coloquei-a dentro de uma caçamba de lixo que estava próxima. O que me deixou mais preocupado foi que de alguma forma eu havia feito um pequeno corte no dedo indicador. Não havia sido o anzol, mas a própria lata que estava enferrujada em uma das bordas. Sim, você agora entende finalmente porque eu quis procurar uma farmácia por conta daquele machucadinho idiota, que você disse que bastava enrolar um guardanapo. Sabe, era um corte banal, mas até hoje eu consigo ver a cicatriz que ficou. É uma coisa mínima a marca. Um risco aqui, veja, que mudou levemente uma das linhas da impressão digital do indicador direito.

Sei que você entende isso, porque faz crossfit, vive se machucando, e você tem gatos e muitas vezes se depara com cicatrizes novas em suas pernas, cicatrizes que ficam para sempre na sua pele, mesmo você cortando sempre as unhas deles. Não adianta, existem marcas que guardamos independentemente do dano que de início aparentem ter feito. São marcas que só vamos entender muito tempo depois. Se é que entendemos alguma coisa em algum momento.

Na verdade, essas marcas eu acho hoje que não dizem respeito ao ferimento em si, mas a alguma outra coisa, percebe? Alguma outra coisa que não estava nem no corte nem na laceração, alguma coisa que estava à espreita, tanto em nós quanto na vida, e que acabou se reencontrando no evento de um ferimento. É isso: os ferimentos não são coisas que sofremos, são coisas que se reencontram. É um hiato que se abre e depois se fecha, num hífen. Sabe a palavra “símbolo”, a etimologia dessa palavra quer dizer isso, uma coisa que se reagrupa e

que só passa a fazer sentido nesse reagrupamento. Acho que os ferimentos são isso. A dor talvez seja esse sentido que se tira simbolicamente, mas que não se entende pela dor em si, só se entende depois. Num outro tempo, no tempo da cicatriz, que é o tempo da eternidade: sem data e sem quantidade. O tempo da cura é muito mais extenso que o do ferimento. Os cuidados sempre exige muito mais esforços que os ataques.

E aqui estamos nós, não é mesmo? A culpa não foi sua, era um corte pequeno mesmo. Não, você não desprezou o meu ferimento, não exagere. Era um corte muito pequeno. É claro que aquela urgência minha por assepsia era uma ficção, um exagero. Na verdade, não havia com o que me preocupar, mas quem disse que a minha preocupação era biológica, afinal? Não era contra germes. Era por uma espécie de pathos da distância que eu precisava marcar de algum jeito, nem que fosse à base de iodo. Eu queria, eu *precisava* limpar aquilo. Precisava tirar de mim qualquer sujeira que pudesse vir de Eustáquio. Vir daquele encontro com o apelido que ele me pusera. “Pajem”. Se é que era mesmo Eustáquio. Já não sei com certeza. Tudo pode ter sido uma loucura. Passados esses anos, eu já começo a duvidar de mim um pouco.

Separação

Bom, o resto da história você já conhece. Foi logo depois de jogar a lata fora que eu fui andando em direção à estação das barcas para descobrir o resultado da aposta que havia feito comigo mesmo antes, mas que – confesso – naquele momento não me lembrava mais de ter feito. Porque naquele momento a única coisa que eu queria era encontrar o frescor do teu rosto. Era me entregar ao teu encontro.

Eu sei. Nós estamos nos separando. Estamos dizendo muitas coisas que nunca dissemos. Eu, sobretudo. Porque eu é que sou a pessoa com os segredos... Eu é que sou a pessoa difícil. Sim, eu sei que você entende que esse é o meu jeito. Mas o fato é este: estamos nos separando e só agora que eu digo certas coisas. Só agora que me abro e demonstro tudo isso. Só agora no fim.

Não, não vamos repetir o filme do Ozon, pode deixar. Mas foi você quem perguntou. Eu que aceitei falar. Respondi. Mas foi você quem perguntou. Não esqueça. Só que você tem razão. Nós dois sabemos que é inevitável. Não podemos reiniciar as coisas assim, não podemos voltar atrás, num *Cinq Fois Deux* nosso.

Eu hoje sei disso, que a nossa relação, eu acho, deu errado por isso, porque eu quis colocar em você uma carga de sentido pesada demais. Empenhar no amor que eu inventei por

você uma salvação total. E isso foi o meu erro. Isso foi o que deixou a gente à deriva e que terminou por nos jogar contra as pedras e fez com que continuássemos, ainda que negando, num relacionamento que era um naufrágio, por ainda mais dois anos. E agora precisamos ter a maturidade de nos separar. A maturidade de fazer esse bem para nós. Nos deixarmos ir. Para algum lugar que seja em separado, sem a mesma prisão.

É isso. Mas valeu a pena ganhar aquela aposta.

Lembrança (sozinho)

Só que no fim do dia, daquele dia de sábado de passeio das barcas pelo litoral, passeio que não fizemos, no fim daquele dia eu te abraço. Envolver teu corpo e mergulho o rosto na maciez do teu colo. Aqui você tem cabelos, pelos nos mamilos. Aperto, aperto firme, como se a força desse contato parasse o tempo, vencesse tudo, meus medos piores. Respiro o cheiro da tua pele, meu nariz se amassa na resistência do teu peito e meus olhos se fecham. “Não gosto de tomar banho depois de transar”, eu te digo olhando tua silhueta na contraluz do banheiro. E penso comigo que prefiro dormir assim, coberto com os líquidos que saíram dos nossos corpos, com a prova residual de nossos atos, sem sequer colocar de volta qualquer peça de roupa. Dormir nu, melado, observando como secam os suores, como a pele se amanteiga e como pequenas membranas vão se formando onde antes o que havia era o efeito da nossa surpresa. Minhas costas estão machucadas, arranhadas? Deixe estar, meu prazer maior será amanhã, aí sim, quando for tomar banho, para começar o dia, sentir a água fria bater nos arranhões que as tuas unhas fizeram. A lembrança imediata do teu esforço em se agarrar em mim, como se estivesse a se cravar nas minhas costas a mão de alguém que tenta uma escalada e se prende, desesperadamente, à pedra para não cair, buscando qualquer reentrância, lutando contra a queda, cavando pontos de apoio inimagináveis que abreviem por mais algum tempo o deslize ao precipício que é o gozo. Deixe minhas costas feridas, deixe que é meu prazer, é como me fazer pedaço de montanha amanhã no banho, quando não tiver mais você. “Esse teu corpo...” balbucio mas não completo a frase. Por prudência? Talvez por medo.

Por trás das pálpebras, penso uma silenciosa palavra de organização e digo-a pra mim mesmo, num som secreto de balbucio, que só pode ser ouvido nos apartados salões que tenho lá nos esconderijos mais recônditos de mim, nos museus e porões daqueles meus instantes que recuso, por tudo, por qualquer preço, a deixar descamar, a deixarem me levar. Vibrando pelos corredores, o eco me percorre por dentro, e eu estremeço. Relaxo o abraço e inalo mais uma vez o teu cheiro fixado na cama. Pra dentro dos pulmões, puxo você em forma de gás

perfumado pra se incrustar em meus alvéolos, encardir atomicamente todo meu sangue. Como um gigantesco rebanho de gado que eu quisesse instalar no pasto das estâncias imperscrutáveis da minha carne, do meu sangue. Sei que aqui, neste momento tenaz, estou só, junto com minhas galerias, com meus tabuleiros de mercado de pulgas. E como alguém, que com cera quente sela um envelope, torço, fazendo um pedido aos deuses, para que o lacre permaneça inviolado até a devida ocasião da revelação, quando todo o segredo irá se misturar com o que houver por contingente. E que isso se dê, rogo novamente aos deuses, antes que também esse envelope, e com ele o seu conteúdo, tornem-se, terrivelmente, meros papéis velhos.